

# A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO LIBERAL AMERICANO NA CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DE BARACK OBAMA: ANÁLISE DOS CASOS “YES WE CAN!” E “AP ANNUAL LUNCHEON” (2008)

BÁRBARA MARIA DE ALBUQUERQUE MITCHELL\*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise a respeito de como o pensamento liberal democrata influenciou a construção dos discursos "Yes We Can!" e "Ap Annual Luncheon" de Barack Obama. Levando em consideração a sua formação intelectual, defende-se que Obama retoma questões caras ao liberalismo americano, mas que estavam marginalizadas na política nacional nos últimos anos.

**Palavras chaves:** EUA, Liberalismo, Partido Democrata

**Abstract:** The objective of this article is to develop an analysis of how the democratic liberal thought had influenced the construction of the speeches "Yes We Can!" and "Ap Annual Luncheon" of Barack Obama. Considering his intellectual background we defend that Obama retakes important liberal matters that have been marginalized in the national policy for the last few years.

**Keywords:** USA, Liberalism, Democratic Party

---

*Artigo recebido em 05 de março de 2014 e aprovado para publicação em 30 de junho de 2014.  
Trabalho apresentado na mesa *História intelectual e política: teóricos e estudos de caso**

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social (UFRJ).  
E-mail: barbara\_mitchell@rocketmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos *Yes We Can!* e *Ap Annual Luncheon* de Barack Obama percebendo a proximidade destas falas com o pensamento liberal democrata americano. O paralelo entre o liberalismo e o atual presidente dos Estados Unidos se traça a partir da noção de que algumas das principais metas elaboradas pelo liberalismo político se repetem ou se ressignificam nos discursos políticos do democrata. Todavia, ressalto que o propósito se restringe ao estudo da construção dos textos pertencentes à campanha eleitoral de 2008 e não dos seus desdobramentos ou do governo de Obama. Na análise pretendo tanto refletir sobre a questão da mutabilidade do liberalismo ao longo de sua trajetória, mas também apresentar as conexões diretas e indiretas da fala do presidente com a de outros notórios liberais.

O historiador britânico Quentin Skinner em *Visões da Política: Questões Metodológicas* refuta a noção de conceitos clássicos e atemporais, percebendo a existência de múltiplos conceitos que variam entre as diversas sociedades (SKINNER, 1995: 82) e influenciam de distintas maneiras os autores. Por isso, se opõe ao desenvolvimento de trabalhos que observam o pensamento dos estudiosos de forma estática e imutável, ignorando a possibilidade de mudanças nas teorias desenvolvidas ao longo da vida do intelectual (IDEM: 101). Acredito que esta perspectiva seja fundamental para falar do liberalismo americano como um conceito variável e empregado de jeitos dessemelhantes ao decorrer da história. Os múltiplos aspectos que constituem o conceito não só se alteram, mas também, como no caso de Obama, trazem à tona perspectivas anteriores que haviam sido deixadas de lado – falando aqui no caso da tradição liberal democrata que com Barack Obama retoma um significado mais próximo do dos anos 40-60 do que 70-80<sup>1</sup>. Esta noção contribui de forma equivalente para a observação de mudanças no posicionamento do candidato, se fossem analisados um número maior de discursos em um abrangente espaço temporal, evitando o equívoco de julgar homogêneo o pensamento político.

Concebida para a reflexão sobre discursos políticos, a teoria elaborada por Skinner mostra a sua precaução com o perigo do anacronismo na historiografia que, por muitas vezes, pretendia observar os textos de autores “clássicos” como uma evolução linear do pensamento (IDEM: 85). Nesse sentido existiam duas expectativas: determinados autores passavam a ser tidos como precursores de teorias contemporâneas pelo historiador que

---

<sup>1</sup> De maneira simplificada é possível entender o primeiro período como a "consolidação" do New Deal e a fortificação de grupos que lutavam pelos direitos civis e por maior inclusão social. Já no final dos anos 70 e início dos 80, com o crescimento de setores conservadores políticos, o liberalismo começa a ser marginalizado no cenário americano, assim como as chamadas políticas de *welfare*.

desenvolvia a análise, mas que, na verdade, não poderiam ter sido elaboradas em suas épocas – especialmente se analisado o contexto social e a ausência de contato do pensador com materiais de tal temática contemporânea. Já o outro equívoco percebido é o de esperar encontrar determinada ideia em um escritor, seja aqui por presumir que este traria as mesmas concepções dos demais de sua época ou esperar um “desenvolvimento maior” do seu trabalho, e ao discorrer sobre o objeto de análise modificar o seu sentido original (IDEM: 85-91). Assim, toda produção deve ser vista enquanto fruto de seu próprio tempo e, por isso, não se pode deduzir opiniões de um texto que não sejam coerentes com as posições de seu autor.

Contudo, a noção de influência é uma possibilidade a ser percebida pelo leitor crítico se forem encontradas condições que justifiquem a sua aplicação, ou seja, é preciso que o autor estudado tenha reconhecidamente lido o trabalho do autor que supostamente o influencia e que o primeiro não possa ter chegado a tal conclusão sem a leitura do outro (IDEM: 108). No caso de Barack Obama, Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade de Colúmbia e formando em Direito pela Universidade de Harvard, se faz lógico presumir um amplo conhecimento da história política americana não só por sua formação acadêmica como também pelas constantes citações de discursos de Abraham Lincoln, F. D. Roosevelt, J. F. Kennedy, Martin Luther King Jr. e outras importantes figuras dos Estados Unidos. Portanto, é importante reconhecer a constante influência da fala de ex-presidentes e de projetos do movimento liberal na construção dos discursos de Obama.

Para Skinner os textos não devem ser observados apenas na perspectiva das ideias que produzem, mas também no sentido de compreender o significado destas quando utilizadas por um determinado agente, em um determinado momento, com um determinado objetivo. É nesse sentido que o autor defende a relevância de observar as intenções do criador do texto. No entanto, não se deve pensar que a busca pela intencionalidade é uma pesquisa sobre as motivações que levaram o autor a escrever. Na verdade, os motivos, ou o que se passa na cabeça de quem escreve, não são a preocupação do historiador por serem inacessíveis (IDEM: 137) ao leitor e inapropriados para que o comentador descubra o que o autor quis dizer com suas afirmações em um determinado texto (IDEM: 131). Quentin Skinner considera como motivo os fatos responsáveis por levar alguém a escrever, o que em sua perspectiva de análise é irrelevante e dificilmente acessível. Já a intenção é o que determina a característica própria da obra, *“personificando um objetivo ou intenções particulares e, nesse sentido, (...) perseguindo um propósito particular”* (IDEM: 139).

Buscando uma explicação mais detalhada sobre a intenção o autor classifica dois entendimentos: intenção perlocutória e ilocutória. Nas palavras de Skinner:

Este ponto remete para o meu argumento central acerca das relações entre as intenções de um autor e o significado de um texto. Por um lado, concedo que as intenções perlocutórias de um autor (aquilo que ele poderá ter pretendido ao escrever de uma certa forma) não têm necessariamente de ser levadas em consideração. Aparentemente não exigem uma análise separada, uma vez que a questão de saber se o autor, com a sua obra, pretendia criar no leitor um sentimento de tristeza pode ser resolvida com a leitura da própria obra, já que as pistas acerca dos efeitos desejados pelo autor podem ser encontrados no próprio texto. Por outro lado, defendo que, tratando-se das intenções ilocutórias de um autor (aquilo que poderão ter pretendido comunicar ao escreverem de uma certa maneira), tentar recuperá-las exige um tipo de análise diferente, o qual será decisivo caso o objetivo do crítico seja compreender o significado daquilo que o autor escreveu (IDEM: 141).

Uma das maiores diferenças entre elas é que a intenção perlocutória relaciona-se estritamente com o texto e pode ser desvendada apenas com a leitura deste. Já para a compreensão da intenção ilocutória, o historiador reforça a necessidade de compreender o autor para além do seu texto, notando que para efetivamente saber o que um autor pretendia com a utilização de um conceito, é preciso empregar como campo de análise “*o imaginário social, o conjunto de símbolos e representações herdados, os quais constituem a subjetividade de uma época*” (CASTORIADIS, 1987: 353-373). Portanto, quando afirmo que almejo inferir a intenção de Obama em seus discursos é estritamente a respeito do significado do texto no momento histórico produzido, sem qualquer interesse nos motivos pessoais ou no que o presidente pensava ao construí-los. A percepção da proximidade entre o pensamento liberal democrata e a fala do atual presidente americano perpassa a questão da intencionalidade devido ao uso de conceitos e até mesmo da adaptação deles aos discursos contemporâneos, sendo fundamental o estudo tanto do imaginário social ao qual Obama pertence como de quais são os símbolos e representações liberais que também aparecem em seus textos.

### **A influência do pensamento liberal nos discursos “Yes We Can!” e “AP Annual Luncheon”**

Para desenvolver esta análise os discursos escolhidos são do ano de 2008 e se encaixam no período em que Hillary Clinton e Barack Obama ainda disputavam a candidatura oficial do Partido Democrata na eleição presidencial. Além disso, ambos foram apresentados em momentos de desvantagem da campanha de Obama e desempenharam papel fundamental na reversão deste quadro. Em janeiro de 2008 o democrata perdeu a votação das primária<sup>2</sup> de

---

<sup>2</sup> Eleição interna do Partido Democrata para estabelecer quais seriam os candidatos a concorrer à presidência em 2008. Primeiramente há o voto populacional nos Estados e Territórios americanos em representantes do partido,

New Hampshire para a Senadora de Nova York Hillary Clinton, um dos mais disputados certames naquele momento e com grande participação popular. Por isso, seguindo o costume político, Obama fez um discurso de concessão parabenizando Clinton pela vitória e aproveitou o momento para mostrar que a derrota parcial não o desmotivou em sua candidatura. Como resultado, “*Yes We Can!*” se tornou um dos mais importantes *slogans* da campanha e uma marca do presidente, lembrando que o termo já havia sido usado pelo democrata quando concorreu ao Senado de Illinois em 2004.

For most of this campaign, we were far behind. We always knew our climb would be steep. But in record numbers, you came out, and you spoke up for change. And with your voices and your votes, you made it clear that at this moment, in this election, there is something happening in America.

(APPLAUSE)

There is something happening when men and women in Des Moines and Davenport, in Lebanon and Concord, come out in the snows of January to wait in lines that stretch block after block because they believe in what this country can be.

There is something happening. There's something happening when Americans who are young in age and in spirit, who've never participated in politics before, turn out in numbers we have never seen because they know in their hearts that this time must be different.

There's something happening when people vote not just for party that they belong to, but the hopes that they hold in common.

And whether we are rich or poor, black or white, Latino or Asian, whether we hail from Iowa or New Hampshire, Nevada or South Carolina, we are ready to take this country in a fundamentally new direction. (OBAMA, Janeiro de 2008)<sup>3</sup>

No início de sua fala, Obama salientou a posição de desigualdade entre a sua campanha e a de Hillary Clinton, até então favorita. No entanto, mesmo na derrota dos votos, viu como uma vitória para a sua candidatura o grande número de pessoas que se deslocaram de vários locais e enfrentaram uma forte neve para votar. Para ele, a elevada participação de jovens e grupos que geralmente não vão às urnas votar denotou o anseio por mudanças da

---

após isso, proporcionalmente ao número de cidadãos, são designados aqueles que podem votar oficialmente em determinado candidato.

<sup>3</sup> Tradução livre: Na maior parte desta campanha nós estávamos muito atrás. Sempre soubemos que nossa ascensão seria árdua. Mas em número recorde vocês saíram e se manifestaram pela mudança. E com as suas vozes e votos deixaram claro que neste momento, nesta eleição, algo está acontecendo na América.

(APLAUSOS)

Tem algo acontecendo quando homens e mulheres de Des Moines e Davenport, Lebanon e Concord, saíram durante as neves de Janeiro para aguardar em filas que dobravam quarteirões e mais quarteirões porque acreditam naquilo que este país pode ser.

Tem algo acontecendo. Tem algo acontecendo quando americanos, jovens em idade e espírito, que nunca participaram na política antes, surgem em números nunca antes vistos porque sabem dentro de seus corações que desta vez precisa ser diferente.

Tem algo acontecendo quando o povo vota não só por um partido que pertence, mas pelas esperanças que têm em comum.

Independentemente de ricos ou pobres, negros ou brancos, latinos ou asiáticos, Independentemente de gritarmos de Iowa ou New Hampshire, Nevada ou South Carolina, nós estamos prontos para tomar este país em uma direção fundamentalmente diferente. (OBAMA, Janeiro de 2008)

população americana. Além disso, o democrata se mostrou otimista com o crescimento de sua popularidade, que gerou uma disputa bastante acirrada em New Hampshire. Seguindo os seus demais discursos, Barack Obama enalteceu a campanha eleitoral de 2008 por acreditar que esta representou um movimento além dos partidos, em que os americanos estavam engajados em votar no plano mais adequado às suas esperanças para o rumo do país. Assim, destaca-se uma das primeiras proximidades entre o texto e o pensamento liberal: a noção de uma comunidade focada no bem maior.

Uma das grandes inspirações deste pensamento foi John Dewey (1859-1952), filósofo americano adepto ao pragmatismo e comprometido com o alcance da democracia por meio da ação política. Tinha plena convicção no sucesso da democracia americana e era defensor de que este espírito deveria ser integrado às comunidades locais e na vida pública de toda nação para “criar aquilo que chamava de *‘the great community’*” (KLOPPENBERG, 1991: 98). O sucesso e maior objetivo da democracia, defendia Dewey, era a constante participação e diálogo entre os indivíduos. Os trabalhos deste intelectual serviram enquanto influência para os liberais e especialmente os progressivistas. Já o pensamento progressivista<sup>4</sup> pretendeu alcançar a construção de uma comunidade moral reformando os seus indivíduos. Os interesses de poucos deveriam ser deixados de lado em prol do bem coletivo, assim os indivíduos deveriam se perceber enquanto integrantes de um povo que deveria caminhar junto para obter o sucesso. Nesse sentido, o desejo de mudança percebido por Obama no povo americano se refletiu na disposição deles em se comprometer com um determinado projeto e não com um partido.

Sobre o seu projeto de reestruturação do governo ele afirma:

Our new American majority can end the outrage of unaffordable, unavailable health care in our time. We can bring doctors and patients, workers and businesses, Democrats and Republicans together, and we can tell the drug and insurance industry that, while they get a seat at the table, they don't get to buy every chair, not this time, not now.

(APPLAUSE)

Our new majority can end the tax breaks for corporations that ship our jobs overseas and put a middleclass tax cut in the pockets of working Americans who deserve it.

We can stop sending our children to schools with corridors of shame and start putting them on a pathway to success.

We can stop talking about how great teachers are and start rewarding them for their greatness by giving them more pay and more support. We can do this with our new majority.

---

<sup>4</sup> Termo retirado da chamada Era Progressivista americana, período entre o final do século XIX e começo do XX. Foi um período de transformação política com o combate à corrupção e inserção do voto feminino. Ao mesmo tempo algumas melhorias sociais foram introduzidas e, com isso, o crescimento de movimentos que reivindicavam os direitos das minorias. O progressivismo serviu como forte influência ao liberalismo.

We can harness the ingenuity of farmers and scientists, citizens and entrepreneurs to free this nation from the tyranny of oil and save our planet from a point of no return. (OBAMA, Janeiro 2008).<sup>5</sup>

A “nova maioria dos americanos” é o público alvo de Obama e representa a parcela da população engajada em eleger um governo capaz de romper com as políticas de George W. Bush, extremamente pautadas nas iniciadas com Ronald Reagan e continuadas por seu pai George Bush (NEWTON, 2003: 24-37). Nesse sentido, vendo a eleição de Reagan como primordial para o afastamento dos preceitos liberais modernos na política americana (GERSTLE, 1994: 1070-1073), nota-se o interesse do democrata em estabelecer um diálogo entre as políticas necessárias para os anos 2000 e as praticadas no país entre os anos 1930 e 1970.

A primeira necessidade de transformação que o candidato apontou é a da saúde, tanto nos sistemas de planos como nas indústrias de remédio. Para tal, ele convocou uma união entre médicos, pacientes, trabalhadores, empresários, Democratas e Republicanos para impedir que os interesses dos planos de saúde e da indústria farmacêutica se sobressaíssem aos direitos da população. Retomando o movimento progressista, uma das suas pautas era impedir que uma minoria detentora de determinado segmento impusesse a sua ganância prejudicando a vida dos americanos. Alguns liberais comprometidos com a questão da emancipação social para tirar o país da dominação dos interesses econômico e social de uma minoria, defendiam que o Estado interviesse de forma a reconstruir e educar a sociedade com objetivo de melhorar as relações individuais e grupais (IDEM: 1046-7). Esta reforma moral da economia se concretizou efetivamente a partir do *New Deal*, plano econômico iniciado pelo governo de Franklin Delano Roosevelt para reerguer a economia americana após a crise de 1929. Segundo Gary Gerstle, esta mudança buscou a consolidação de uma indústria democrática, com oportunidades e segurança econômica para a população. Assim, o *Welfare*

---

<sup>5</sup> Tradução Livre: A nossa nova maioria Americana pode encerrar com o absurdo de um plano de saúde inacessível e indisponível. Podemos aproximar médicos e pacientes, trabalhadores e empresas, Democratas e Republicanos, e podemos dizer para as indústrias de medicamentos e seguros que por mais que eles ganhem um lugar à mesa não poderão comprar todos os demais assentos, não desta vez, não agora. (APLAUSO)

Nossa nova maioria pode acabar com a isenção de impostos para as corporações que mandam nossos empregos para fora e transformá-la em uma redução de impostos para o bolso dos trabalhadores americanos, que a merecem.

Nós podemos parar de mandar nossas crianças para escolas com corredores da vergonha e começar a colocá-las no caminho para o sucesso.

Nós podemos parar de falar o quão bons são os professores e começar a recompensá-los pela sua grandiosidade com um salário maior e mais apoio. Nós podemos fazer isso com a nossa nova maioria

Nós podemos investir na engenhosidade de fazendeiros e cientistas, cidadãos e empresários para libertar esta nação da tirania do petróleo e salvar nosso planeta de um ponto sem retorno.

*State*<sup>6</sup>, solidificado com o programa do *New Deal*, praticava as intervenções necessárias para assegurar a fortificação da economia atrelada a reformas que visavam garantir assistência aos que precisavam de auxílio para se recuperar da crise.

Quando Barack Obama afirmou ser imprescindível mudar o diálogo entre governo, complexos industriais e a população é notável a articulação de suas palavras com os preceitos citados anteriormente. Não só a saúde é citada, o democrata critica a mudança de indústrias para outros países com incentivos fiscais, que acaba por tirar o emprego das classes médias, a negatividade do ensino pautado nos erros e não nos acertos das crianças, o pouco investimento no salário dos professores e a dominação das grandes corporações petrolíferas. A preocupação com o meio ambiente adiciona mais um elemento presente nas reivindicações do movimento liberal entre os anos 1940 e 1950 nos Estados Unidos (MATTSON, 2004: 114). Neste período, se desenvolveram em especial por questões da expansão desordenada da fronteira e da entrega das terras públicas americanas nas mãos de poucos empreendedores dedicados à criação de gado e exploração de minérios. Desde então, a questão ecológica se fez presente na luta do movimento liberal e encontrou respaldo neste discurso de Obama que não só salientou a importância do aquecimento global como cobrou uma visão mais consciente e menos ingênua do povo americano. A ambição não pode iludir os americanos sobre a realidade do planeta, assim os interesses econômicos precisavam ser postos abaixo do bem estar – nesse caso não só da nação, mas de todo o mundo.

We've been asked to pause for a reality check. We've been warned against offering the people of this nation false hope. But in the unlikely story that is America, there has never been anything false about hope.

(APLAUSOS)

For when we have faced down impossible odds, when we've been told we're not ready or that we shouldn't try or that we can't, generations of Americans have responded with a simple creed that sums up the spirit of a people: Yes, we can. Yes, we can. Yes, we can.

It was a creed written into the founding documents that declared the destiny of a nation: Yes, we can.

It was whispered by slaves and abolitionists as they blazed a trail towards freedom through the darkest of nights: Yes, we can.

It was sung by immigrants as they struck out from distant shores and pioneers who pushed westward against an unforgiving wilderness: Yes, we can.

It was the call of workers who organized, women who reached for the ballot, a president who chose the moon as our new frontier, and a king who took us to the

---

<sup>6</sup> Termo cunhado em 1930 pelo Professor Alfred Zimmern em contraposição ao *Warfare State* de Adolf Hitler. Inicialmente foi concebido enquanto um auxílio social para os prejudicados em guerra e, posteriormente, passou a se preocupar em garantir empregos aos necessitados, ajuda médica, casas e educação em locais próprios. In: SCHUYT, Kees. *The Sharing of Risks and the Risks of Sharing: Solidarity and Social Justice in the Welfare State. Ethical Theory and Moral Practice*, Vol. 1, No. 3, Solidarity and the Welfare State (Sep., 1998), p. 297-311. Acesso: <http://www.jstor.org/stable/27504037>.



mountaintop and pointed the way to the promised land: Yes, we can, to justice and equality.

Yes, we can, to opportunity and prosperity. Yes, we can heal this nation. Yes, we can repair this world. Yes, we can.

And so, tomorrow, as we take the campaign south and west, as we learn that the struggles of the textile workers in Spartanburg are not so different than the plight of the dishwasher in Las Vegas, that the hopes of the little girl who goes to the crumbling school in Dillon are the same as the dreams of the boy who learns on the streets of L.A., we will remember that there is something happening in America, that we are not as divided as our politics suggest, that we are one people, we are one nation.

And, together, we will begin the next great chapter in the American story, with three words that will ring from coast to coast, from sea to shining sea: Yes, we can.

Thank you, New Hampshire. Thank you. (OBAMA, Janeiro de 2008).<sup>7</sup>

A esperança dos americanos foi apresentada por ele, assim como em diversos outros discursos e em seu livro *A Audácia da Esperança*, como uma característica nacional. Trazer palavras que pudessem gerar falsas expectativas de mudança não era possível nos Estados Unidos, já que a esperança nunca foi algo falso em sua história. O nacionalismo surge de maneira a legitimar ainda mais o seu discurso e a sua mensagem: a confiança na mudança se dava justamente por se tratar da América. Como prova, Obama fala da trajetória americana e seus momentos de superação. A historiadora Cecília Azevedo em *Obama e o retorno da tradição liberal democrata* aponta para o costume dos candidatos à presidência americana recorrerem ao panteão mitológico nacional e, a partir disso, apresentarem suas visões particulares sobre os eventos da história (AZEVEDO, 2010: 67). Assim, o candidato defendeu que em todas as vezes que tiveram de enfrentar dificuldades aparentemente sem solução, a

---

<sup>7</sup> Tradução livre. Fomos convidados a realizar uma pausa para checar a realidade. Fomos alertados sobre oferecer às pessoas desta nação falsas esperanças. Mas na improvável história da América, nunca houve nada falso sobre esperança.

Quando enfrentamos probabilidades impossíveis, quando disseram que não estávamos prontos ou que nós não deveríamos tentar ou que nós não poderíamos, gerações de americanos responderam com um simples credo que resume o espírito do povo: Sim, nós podemos. Sim, nós podemos. Sim, nós podemos.

É um credo escrito nos documentos fundadores que declararam o destino desta nação: Sim, nós podemos.

Foi sussurrado por escravos e abolicionistas enquanto abriam um caminho em direção à liberdade através das noites escuras: Sim, nós podemos.

Foi cantado por imigrantes enquanto eles chegavam de diferentes mares e por pioneiros que desbravaram o oeste contra a imperdoável *wilderness*: Sim, nós podemos.

Foi a chamada de trabalhadores que se organizaram, das mulheres que lutaram pelo voto, de um presidente que escolheu a lua como nossa nova fronteira, e um rei<sup>7</sup> que nos levou ao topo da montanha e apontou o caminho para a terra prometida: Sim, nós podemos, à justiça e à igualdade.

Sim, nós podemos, à oportunidade e à prosperidade. Sim, nós podemos curar esta nação. Sim, nós podemos reparar este mundo. Sim, nós podemos.

Então amanhã, quando levamos esta campanha para o sul e o oeste, enquanto aprendemos que as dificuldades dos trabalhadores têxteis de Spartanburg não são tão diferentes dos do lavador de prato em Las Vegas, que as esperanças de uma pequena menina que vai a uma escola desmoronando em Dillon são as mesmas que as de um menino que aprende nas ruas de L.A., nós ainda lembraremos que algo está acontecendo na América, que não estamos tão divididos como nossa política sugere, que somos um povo, somos uma nação.

E, juntos, vamos começar o próximo grande capítulo na história americana, com três palavras que soam de costa a costa, de mar a mar: Sim, nós podemos.

Obrigado, New Hampshire. Obrigado

nação se reuniu em torno do credo: “Sim, Nós Podemos.” – que na concepção de Obama, estava presente desde a elaboração dos primeiros documentos nacionais americanos, por isso faz parte da alma do país.

Em sequência, Barack Obama falou da importância desta motivação na luta dos negros, dos imigrantes e das mulheres pela ressignificação do seu lugar na sociedade. A valorização da luta destas minorias, que foi amplamente apoiada pelo movimento liberal e o partido democrata, mostraram a assimilação das palavras “Sim, Nós Podemos.” com o empenho destes setores em auxiliar o alcance das reivindicações dos grupos citados. No livro *America in Black and White: One Nation, Indivisible* Stephan e Abigail Thernstrom abordam a forte convicção do movimento dos direitos civis na capacidade dos americanos em uma mudança na questão da moral. Com base em preceitos tradicionalmente liberais, eles acreditavam na capacidade de integração das minorias em harmonia com os brancos, vivendo todos em uma nacionalidade comum (THERNSTROM; THERNSTROM, 1999: 11-12). Por mais que o caso das mulheres não seja efetivamente racial, vai de encontro com as ideias daqueles que primavam por uma nação “tradicional”, segregacionista e opressora aos direitos femininos. Citando Kennedy, o presidente a lançar o desafio de ir à lua, e Martin Luther King Jr., Obama valorizou os anos de 1960 e todas as lutas por direitos e igualdade que aconteciam desde anos antes, mas eclodiram no período e se tornaram um marco na história do Partido Democrata e do movimento liberal.

Em caminhos para finalizar o texto, Obama mais uma vez recorreu à visão de união americana, capaz de perpassar os preconceitos e as diferenças sociais, defendendo que a população se visse enquanto uma só e lute pelo bem maior, pelo fim das disparidades e não percam sua fé na crença das palavras “Sim, Nós Podemos.”. Dessa maneira, em uma aliança entre o candidato e o povo americano, os Estados Unidos caminhariam para uma nova etapa em sua história, uma etapa baseada na mudança na política e na própria sociedade.

Já “*AP Annual Luncheon*” foi o discurso dado pelo atual presidente no jantar anual da *Associated Press*. Ele se valeu da oportunidade não só para justificar uma fala anterior que estava sendo usada pela oposição para criticá-lo, mas também para apontar os principais problemas que via na campanha do republicano John McCain. Uma semana antes do evento, abril de 2008, Obama se referiu aos trabalhadores recém demitidos de antigas cidades industriais de maneira preconceituosa. Nas palavras dele: “*They get bitter, they cling to guns or religion or antipathy to people who aren't like them or anti-immigrant sentiment or*

*anti-trade sentiment, as a way to explain their frustrations*<sup>8</sup>(OBAMA, 2008). Diante de tais declarações, o candidato se viu em uma situação bastante negativa com o eleitorado branco e das cidades mais interioranas. Por isso, o início de seu discurso já trata do assunto:

Good afternoon. I know I kept a lot of you guys busy this weekend with the comments I made last week. Some of you might even be a little bitter about that. As I said yesterday, I regret some of the words I chose, partly because the way that these remarks have been interpreted have offended some people and partly because they have served as one more distraction from the critical debate that we must have in this election season. I'm a person of deep faith, and my religion has sustained me through a lot in my life. I even gave a speech on faith before I ever started running for President where I said that Democrats, "make a mistake when we fail to acknowledge the power of faith in people's lives." And, contrary to what my poor word choices may have implied or my opponents have suggested I've never believed that these traditions or people's faith has anything to do with how much money they have. (OBAMA. Abril de 2008)<sup>9</sup>.

É interessante notar que o candidato não pediu desculpas por sua fala. Na verdade, ele lamentou a escolha das palavras por ter ofendido algumas pessoas, mas, principalmente, por ter desviado o foco do debate eleitoral – tópico bastante presente nos discursos dele que aponta a falta de comprometimento tanto dos partidos como da imprensa em se preocuparem com aspectos políticos significativos para se atarem a questões da vida pessoal dos políticos. Sobre a questão religiosa, Obama lembrou que ele mesmo é uma pessoa com bastante fé e praticante de sua religião. Assim, ele citou uma outra fala sua, anterior à campanha eleitoral, que criticava o Partido Democrata por não valorizar a importância da religião na vida dos americanos. Com isso, ele procurou comprovar a sua posição de cristão fiel e se defender das acusações da oposição de que o democrata assimilava a religião das pessoas com as suas classes sociais. Sobre a reação dos recém-desempregados ele diz:

But I will never walk away from the larger point that I was trying to make. For the last several decades, people in small towns and cities and rural areas all across this country have seen globalization change the rules of the game on them. When I began my career as an organizer on the South Side of Chicago, I saw what happens

<sup>8</sup> Disponível em: . (Tradução minha :*Eles se tornam amargos, se apegam as armas ou à religião ou à antipatia por pessoas que não são como eles ou a sentimentos anti-imigração ou anti-sindicato, como uma forma de explicar as suas frustrações*).

<sup>9</sup> Tradução livre. Boa tarde. Eu sei que eu mantive boa parte de vocês ocupados neste fim de semana com os comentários que fiz na semana passada. Alguns de vocês podem até estar um pouco contrariados. Como eu disse ontem, lamento algumas das palavras que eu escolhi, em parte porque a maneira que estas observações foram interpretadas acabaram por ofender algumas pessoas e em parte porque eles têm servido como mais uma distração do debate crítico que devemos ter nesta época de eleição . Eu sou uma pessoa de fé profunda, e minha religião me sustentou em muitas vezes na minha vida. Eu até fiz um discurso sobre a fé antes de concorrer para a presidência em que eu disse que os democratas, "cometem um erro quando deixam de reconhecer o poder da fé na vida das pessoas." E, ao contrário do que minhas pobres escolhas de palavras possam ter implicado ou meus adversários têm sugerido, eu nunca acreditei que essas tradições ou a fé das pessoas tenham a ver com o quanto de dinheiro elas têm.

when the local steel mill shuts its doors and moves overseas. You don't just lose the jobs in the mill, you start losing jobs and businesses throughout the community. The streets are emptier. The schools suffer.

I saw it during my campaign for the Senate in Illinois when I'd talk to union guys who had worked at the local Maytag plant for twenty, thirty years before being laid off at fifty-five years old when it picked up and moved to Mexico; and they had no idea what they're going to do without the paycheck or the pension that they counted on. (...)

I've heard these stories almost every day during this campaign(...). And the people I've met have also told me that every year, in every election, politicians come to their towns, and they tell them what they want to hear, and they make big promises, and then they go back to Washington when the campaign's over, and nothing changes. (...) Instead of fighting to replace jobs that aren't coming back, Washington ends up fighting over the latest distraction of the week.

And after years and years and years of this, a lot of people in this country have become cynical about what government can do to improve their lives. (OBAMA. Abril de 2008).<sup>10</sup>

A partir da segunda parte do discurso, Obama procurou reverter a negatividade da sua fala se colocando na defesa dos interesses dos moradores das pequenas cidades e áreas rurais. Ele afirmou que o real objetivo de sua fala consistia em mostrar como esses locais sofreram com a migração de empresas dos Estados Unidos para outros países como o México, onde eles conseguem mão de obra mais barata. Assim, ele dá exemplos de situações similares ocorrendo desde o início da sua carreira política no Sul de Chicago, até o presente momento de sua candidatura à presidência. Em todos esses momentos os moradores perderam seus trabalhos, planos de saúde e pagamentos e ficaram sem o menor rumo, já que diversos políticos prometiam melhoras, mas quando eleitos não cumpriam. Graças à falta de comprometimento desses agentes, mais preocupados com “a distração da semana” do que com os verdadeiros problemas do país, a população perdeu cada vez mais a fé na capacidade do Estado em ajudá-la e melhorar a sua vida. Verificam-se duas importantes críticas a partir deste texto; à forma com que os partidos políticos têm lidado com a política e o descaso das ações do governo, incapaz de assegurar o bem estar dos americanos. Sugere-se atenção

---

<sup>10</sup> Tradução livre. Mas eu não me afastarei do ponto maior que tentei fazer . Nas últimas décadas a população das pequenas cidades e áreas rurais em todo o país viram a globalização mudar as regras do jogo. Quando eu comecei a minha carreira como um organizador no Sul de Chicago , eu vi o que aconteceu quando a siderúrgica local fechou as suas portas e se mudou para o exterior. Você não perde apenas os postos de trabalho na fábrica , você perde os postos de trabalho e comércio em toda a comunidade . As ruas ficam vazias . As escolas sofrem . Eu vi isso durante a minha campanha para o Senado de Illinois. quando eu ia falar com membros do sindicato que trabalharam na fábrica Maytag local por vinte, trinta anos antes de serem demitidos aos 55 anos de idade, quando ela se mudou para o México , e eles não tinham ideia do que iriam fazer sem o salário ou a pensão que tanto contavam. (...)

Eu já ouvi essas histórias quase todos os dias durante a campanha ( ... ) . E as pessoas que eu conheci também me disseram que a cada ano, em todas as eleições , os políticos vêm para suas cidades , e dizem-lhes o que eles querem ouvir , e eles fazem grandes promessas, e então eles voltam para Washington quando a campanha acaba, e nada muda. ( ... ) Em vez de lutar para substituir empregos que vão voltar, Washington acaba brigando pela última distração da semana. E depois de anos e anos e anos disso, um monte de pessoas neste país têm se tornado cínicas sobre o que o governo pode fazer para melhorar as suas vidas.

especial para esta última por estabelecer um diálogo direto com a disposição Republicana de desmobilizar o *Welfare State* tanto em sua execução como na confiança dos americanos no seu sucesso.

O livro organizado por Steve Fraser e Gary Gerstle, *The Rise and Fall of The New Deal Order (1930-1980)* conta com vários textos de diversos autores como: Thomas Ferguson, Alan Brinkley, Ira Katznelson, e Thomas Byrne Edsall. A discussão sobre o *New Deal* proposta traz em consequência alguns importantes pontos sobre o liberalismo. Especialmente sobre o período entre os anos de 1960 e 1980, os autores trabalham com a hipótese de que a crise do movimento liberal e da ordem política do *New Deal* chegou ao seu ápice com a eleição de Ronald Reagan. Os autores alegam ter havido uma cisão dentro do grupo em 1960; de um lado negros e brancos que desejavam estender a luta dos direitos sociais para os raciais, de gênero, a favor do *welfare* e da modernização na concepção de moral no país. Em oposição se reuniram principalmente católicos e protestantes da região sul em defesa de valores patriarcais, do patriotismo, da “lei e ordem”, do “trabalho duro” e da autoajuda. Com isso, essa classe trabalhadora branca rompe com o Partido Democrata em 1968 e se alia ao Republicano na eleição de Reagan (FRASER, GERSTLE, 1990: xxi). Ou seja, principalmente por questões étnicas e morais houve um rompimento de um segmento mais conservador, causando uma crise entre os democratas em decorrência da perda de parte do seu apoio. É importante ressaltar que para os autores estes grupos eram favoráveis à política econômica do Partido Democrata, mas devido às demais questões envolvendo a integração e direito das minorias acabaram por se filiar ao projeto de Ronald Reagan para o país (IDEM). É justamente a este grupo que Obama se referiu na sua fala anterior ao discurso analisado. Se defendendo das críticas da oposição, o candidato critica fortemente o governo e plano dos seus antecessores republicanos:

Now, Senator McCain and the Republicans in Washington are already looking ahead to the fall and have decided that they plan on using these comments to argue that I'm out of touch with what's going on in the lives of working Americans. (...) But I will say this. If John McCain wants to turn this election into a contest about which party is out of touch with the struggles and the hopes of working America, that's a debate I'm happy to have. (...) Because I believe that the real insult to the millions of hard-working Americans out there would be a continuation of the economic agenda that has dominated Washington for far too long.

I may have made a mistake last week in the words that I chose, but the other party has made a much more damaging mistake in the failed policies they've chosen and the bankrupt philosophy they've embraced for the last three decades.

It's a philosophy that says there's no role for government in making the global economy work for working Americas; that we have to just sit back watch those factories close and those jobs disappear; that there's nothing we can do or should do about workers without health care, or children in crumbling schools, or families who are losing their homes, and so we should just hand out a few tax breaks and wish everyone the best of luck.

Ronald Reagan called this trickle-down economics. George Bush called it the Ownership Society. But what it really means is that you're on your own. (OBAMA. Abril de 2008).<sup>11</sup>

Divergindo do tom de “*Yes We Can*”, o democrata tece severas críticas ao seu opositor John McCain e aos ex-presidentes Reagan e George Bush. Condenando a postura de seu opositor republicano, Obama aproveitou os ataques pessoais de McCain para culpar o partido e presidentes anteriores pelo afastamento do Estado e aumento da participação das corporações na regulação da economia americana. Em um esforço para apontar a importância do governo para impedir que a economia esteja submetida aos interesses das indústrias, ele classificou a agenda econômica republicana como uma política de “você está por conta própria”. No entanto, é necessário pontuar que grande parte do empenho de Obama neste discurso em mostrar para o público o suposto abandono econômico dos americanos por parte dos republicanos se dá em consequência da negatividade atribuída ao liberalismo e ao *Welfare State* nos Estados Unidos nos últimos anos. O trabalho de John Nichols, *What about Democratic Left Politics*, tem em um de seus objetivos mostrar como uma ala conservadora americana transformou o significado de liberalismo em comunismo e, além disso, negou a participação e importância do movimento socialista americano em sua política. Em 1980, segundo o autor, após a eleição de Ronald Reagan e tensões dentro do Partido Democrata no sentido de organizar sua agenda de forma coerente com os acontecimentos recentes, iniciou-se o imaginário de que o partido havia se tornado “liberal demais”. Para Nichols, a ampla disseminação deste argumento aliado à política do governo Reagan de demonização do comunismo foram fundamentais para tachar o liberalismo e o socialismo como sinônimos de comunismo e anarquismo (NICHOLS, 2011: 231-264). Obama então contrapõe as críticas anteriores com a sua ideia de governo ideal:

---

<sup>11</sup> Tradução livre. Agora, o Senador McCain e os Republicanos de Washington já estão esperando a minha queda e decidiram usar os meus comentários para argumentar que eu estou fora de sintonia com o que está acontecendo na vida dos trabalhadores americanos . ( ... ) Mas eu vou dizer um coisa. Se John McCain quer transformar esta eleições em uma disputa sobre qual partido está por fora das lutas e das esperanças dos trabalhadores da América, esse é um debate que eu estou feliz em ter. ( ... ) Porque eu acredito que o verdadeiro insulto para os milhões de americanos que trabalham duro lá fora seria uma continuação da agenda econômica que já domina Washington há muito tempo .

Talvez eu tenha cometido um erro na semana passada nas palavras que eu escolhi , mas o outro partido vem cometendo um erro muito mais prejudicial com as políticas fracassadas que escolheram e a filosofia falida que abraçaram pelas últimas três décadas.

É uma filosofia que diz que não há papel para o governo em fazer a economia global trabalhar para os trabalhadores americanos; que temos de simplesmente sentar e assistir as fábricas fecharem e os empregos desaparecem, que não há nada que possamos fazer ou devemos fazer sobre os trabalhadores sem assistência para sua saúde ou crianças em escolas em ruínas , ou famílias que estão perdendo suas casas , e por isso, devemos apenas determinar algumas isenções fiscais e desejar a todos boa sorte.

Ronald Reagan chamou isso de economia *trickle-down* . George Bush chamou de *Ownership Society* . Mas o que isso realmente significa é que você está por conta própria

The men and women I've met in small towns and big cities across this country see this election as a defining moment in our history. They understand what's at stake here because they're living it every day. And they are tired of being distracted by fake controversies. They are fed up with politicians trying to divide us for their own political gain. And I believe they'll see through the tactics that are used every year, in every election, to appeal to our fears, or our biases, or our differences - because they've never wanted or needed change as badly as they do now. The people I've met during this campaign know that government cannot solve all of our problems, and they don't expect it to. (...) But they believe it's finally time that we make health care affordable and available for every single American; that we bring down costs for workers and for businesses; that we cut premiums, and stop insurance companies from denying people care or coverage who need it most. They believe it's time we provided real relief to the victims of this housing crisis; (...) that we start giving tax relief to the people who actually need it - middle-class families, and seniors, and struggling homeowners. They believe that we can and should make the global economy work for working Americans; that we might not be able to stop every job from going overseas, but we certainly can stop giving tax breaks to companies who send them their and start giving tax breaks to companies who create good jobs right here in America. (...) That is the dream I am running to help restore in this election. If I get the chance, that is what I'll be talking about from now until November. That is the choice that I'll offer the American people - four more years of what we had for the last eight, or fundamental change in Washington. (OBAMA. Abril de 2008).<sup>12</sup>

Em recente artigo para a revista *New Republic*, Alan Brinkley fala de como o discurso de Obama retoma questões do liberalismo. Além disso, ressalta que o termo “liberal” esteve marginalizado na política americana por muitos anos, aparecendo apenas em discursos depreciativos de republicanos sobre democratas. Para o autor, mesmo não falando o termo “liberalismo”, Obama tornou possível o diálogo sobre o assunto novamente por trazer a tona questões como a desigualdade, a pobreza, a imigração ilegal, os direitos dos gays, entre outras prerrogativas tipicamente liberais que foram ignoradas ou pouco contempladas nos últimos anos (BRINKLEY, 2013). A respeito do liberalismo contemporâneo Brinkley acredita ser

---

<sup>12</sup> Tradução livre. Os homens e mulheres que eu conheci em pequenas e grandes cidades de todo o país veem esta eleição como um momento decisivo em nossa história. Eles entendem o que está em jogo aqui, porque eles estão vivendo nele todos os dias. E eles estão cansados de serem distraídos por controvérsias falsas. Eles estão fartos de políticos tentando nos dividir para seu próprio ganho. E eu acredito que eles vão ver através das táticas que são usadas a cada ano, em todas as eleições, para apelar aos nossos medos, ou aos nossos preconceitos, ou as nossas diferenças - porque eles nunca quiseram ou precisaram de mudanças tanto quanto agora. As pessoas que eu conheci durante esta campanha sabem que o governo não pode resolver todos os seus problemas, e eles não esperaram que ele o faça. (...) Mas eles acreditam que é finalmente a hora de tornarmos a saúde acessível e disponível para cada americano, de reduzir os custos para os trabalhadores e para as empresas (...). Eles acreditam que é hora de proporcionarmos alívio real para as vítimas desta crise imobiliária, (...) de dar alívio fiscal para as pessoas que realmente precisam - as famílias de classe média, os idosos, e os proprietários de casas em dificuldade. Eles acreditam que podemos e devemos fazer a economia global trabalhar para os trabalhadores americanos, que podemos não ser capazes de impedir que todos os trabalhos se mudem o exterior, mas certamente podemos parar de dar incentivos fiscais para as empresas que o fazem e começar a dar incentivos fiscais para empresas que criam bons empregos aqui na América. (...) Esse é o sonho que eu estou correndo para restaurar nesta eleição. Se eu tiver a chance, é sobre isso que eu vou falar a partir de agora até novembro. Essa é a escolha que eu vou oferecer ao povo americano - mais quatro anos do que tivemos nos últimos oito ou mudança fundamental em Washington

uma das principais características a preocupação com a igualdade social, tendo em vista a grande desigualdade econômica presente nos Estados Unidos, a maior desde o século XIX (IDEM). É evidente após a leitura do discurso de Obama que, assim como dito por Alan Brinkley, e em consequência da crise financeira americana, a reestruturação da economia é uma das principais pautas do candidato. Contudo, as soluções e medidas defendidas por ele estão extremamente próximas daquelas instituídas com o *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt no sentido de construir uma economia ao mesmo tempo forte e comprometida com o bem-estar da população e dos trabalhadores.

Desta maneira, este discurso traz como um dos objetivos tanto mostrar as consequências extremamente negativas da diminuição do papel do Estado na economia americana enquanto culpa dos governos republicanos, como convencer a população da necessidade de mudança nesta estrutura, fazendo constantes referências a medidas bem sucedidas do passado. Obama também procura modificar o pensamento negativo a respeito do liberalismo e da intervenção estatal, desvinculando este tipo de política ao imaginário de um Estado que sustenta uma nação indisposta a trabalhar. O papel do governo seria de garantir os empregos e benefícios para os americanos, retirando alguns dos benefícios das indústrias que prejudicam o trabalhador e trazer auxílio temporário para aqueles que precisam se reerguer.

### **Considerações Finais: o liberalismo democrata aplicado nos anos 2000**

Levando em consideração os discursos trabalhados e a própria historiografia utilizada é possível pensar que Barack Obama, ao menos nos momentos escolhidos, manifesta em sua fala grande influência de prerrogativas tidas como da tradição liberal democrata. Deste modo, mesmo de forma implícita, retoma tópicos clássicos aplicadas pelo movimento liberal ao longo da história americana. Por outro lado, a resistência da população em relação ao imaginário do que seria o liberalismo nos anos 2000 e as críticas desmedidas de parte do Partido Republicano, no sentido de tentar assimilar medidas de bem-estar social com o comunismo, mostram-se como um dos desafios para a implementação dos planos de Obama no país. O discurso conciliatório do democrata é uma tentativa de amenizar a resistência dos eleitores mais conservadores – pensando aqui aquelas pessoas contrárias a uma maior participação do Estado na regulamentação da economia e na institucionalização de medidas sociais. O discurso e o lema “*Yes, We Can.*” pode ser visto como evidência da dedicação do candidato em apresentar uma proposta eleitoral baseada na união nacional, mostrando que



juntos os americanos podem superar as dificuldades presentes no país e reformar a sua sociedade.

J.R. Pole em *Igualdade: um dilema Americano* debate o significado de igualdade na sociedade americana:

Se os Estados Unidos, por qualquer disposição futura, alterassem deliberadamente seu curso na direção do pluralismo proporcional, estariam inquestionavelmente bem fundamentados nas leis e costumes discriminatórios de sua história. Não me parece impossível, contudo, imaginar políticas que procurem identificar privações e necessidades sociais e educacionais, e receitar remédios efetivos para elas, sem defini-las nos termos da desacreditada terminologia racial ou o inseguro e imprevisível *status* de etnicidade (POLE, 1991: 77).

O pluralismo proporcional é apresentado por Pole enquanto medidas favoráveis a determinadas minorias, mas que não levam em consideração os indivíduos e sim o grupo a qual eles pertencem, por exemplo: negros, gays, mulheres etc. Obama propõe em seus discursos uma mudança neste tipo de ação, defendendo a introdução das de cunho pluralista, mas sem ignorar as desvantagens vividas por estas categorias. A redução destas medidas seria em conjunto com a introdução de projetos universalistas. Justamente por abarcar toda a sociedade, a possibilidade do universalismo procura romper com o estigma negativo de projetos assistencialistas, principalmente quando vistos como sinônimo de auxílio para “preguiçosos” ou então benefícios para poucos. A preocupação com o imaginário a respeito do liberalismo é mais evidente em “*AP Annual Luncheon*” por ser uma fala bastante crítica à oposição e dedicada a apresentar como as políticas republicanas foram capazes de desmantelar o *Welfare State* democrata. Como consequência, Barack Obama afirma que a desigualdade social do país é a maior desde o século XIX e tenta apresentar que a sua posição de políticas universalistas seria uma forma de introduzir o *Welfare State*, mas levando em consideração as dificuldades e desafios atuais.

Friso que não tenho como objetivo julgar a viabilidade das propostas do atual presidente, quanto mais se suas estratégias políticas são as mais adequadas. Apenas corroboro com a percepção de que os discursos do democrata são bastante próximos dos desenvolvidos pelo movimento liberal americano. De qualquer forma, o projeto de Obama para os Estados Unidos se apresenta, neste momento, como uma mudança drástica se comparado aos governos de George W. Bush, George Bush e Ronald Reagan. Até mesmo o governo do democrata Bill Clinton não trazia de maneira tão evidente aspectos do liberalismo clássico americano.

É possível perceber que o programa de Barack Obama recorreu a aspectos do passado liberal democrata para formação de uma estrutura política divergente das que figuraram no país, pelo menos, desde os anos de 1980. Assim, mesmo não se declarando um

político liberal, os seus discursos propiciaram o retorno do debate de questões tanto sobre raça, gênero, sexualidade como pobreza, desigualdade social e o controle exercido pelas grandes corporações na economia americana, ou seja, tópicos que fazem parte do discurso do movimento liberal e da tradição liberal democrata.

#### **Fontes:**

OBAMA, Barack. *Yes, We Can!*. New Hampshire: Janeiro, 2008. Disponível: <http://www.nytimes.com/2008/01/08/us/politics/08text-obama.html?pagewanted=print&r=0>

OBAMA, Barack. *Ap Annual Luncheon*. Washington: 14 de Abril, 2008. Disponível: <http://obamaspeeches.com/E06-Barack-Obama-AP-Annual-Luncheon-Washington-DC-April-14-2008-religion-guns-pennsylvania.htm>

#### **Referências Bibliográficas:**

AZEVEDO, CECÍLIA. Obama e o retorno da tradição liberal democrata. In: ALMEIDA, Erica; DINIZ, Eugenio; PECEQUILO, Cristina (orgs.). *Os Estados Unidos no Mundo Atual*. Juruá Editora: Paraná, 2010.

BRINLEY, Alan. The L Word Lives: Is it safe to say “liberal” again? *The New Republic*. Estados Unidos da América: 30 de Janeiro, 2013. Disponível: <http://www.newrepublic.com/article/112271/liberal-epithet-not-after-obama-speech>. Acesso: 12/08/2013.

FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs.). *The Rise and Fall of The New Deal Order, 1930-1980*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

GERSTLE, Gary. The Protean Character of American Liberalism. *American Historical Review*. v. 99, nº4, October, 1994, p.1070-1073.

KLOPPENBERG, James T. *The Virtues of Liberalism*. Oxford University Press, 1998.

MATTSON, Kevin. *When America Was Great– The fighting faith of postwar liberalism*. Routledge: Nova York, 2004.

NEWTON, Carlos. *Bush e a Doutrina das Guerras Sem Fim*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

NICHOLS, John. “What about Democratic Left Politics”. In: *The “S” Word: A Short History of an American Tradition*. Socialism. Brooklyn: Nova York, Verso, 2011.

POLE, J.R. “Igualdade: um dilema Americano”. In: *A América em Teoria*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

SCHUYT, Kees. The Sharing of Risks and the Risks of Sharing: Solidarity and Social Justice in the Welfare State. *Ethical Theory and Moral Practice*, Vol. 1, No. 3, Solidarity and the Welfare State (Sep., 1998), p. 297-311. Acesso: <http://www.jstor.org/stable/27504037>.

SKINNER, Quentin. *Visões da política: questões metodológicas*. Trad. de João Pedro George. Portugal: Difel, 2005.

THERNSTROM, Abigail; THERNSTROM, Stephan. *America In Black and White: One Nation, Indivisible*. Nova York: Touchstone, 1999.